

ESCOLA DA FLORESTA: UMA PROPOSTA PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Roseleide Vitorino da Silva ¹

Joyse Ashley Vitorino de Medeiros ²

INTRODUÇÃO

A crescente preocupação global com as mudanças climáticas e a degradação ambiental tem destacado a Educação Ambiental (EA) como instrumento essencial para a construção de sociedades sustentáveis. Desde a Conferência de Estocolmo (1972), a UNESCO tem promovido ações voltadas à integração entre educação e sustentabilidade, culminando na Agenda 2030 e em seus Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). Entre eles, o ODS 4 busca garantir educação inclusiva e de qualidade, promovendo oportunidades de aprendizagem ao longo da vida e desenvolvendo competências voltadas à cidadania planetária e à sustentabilidade (ONU, 2015).

Nesse contexto, propostas pedagógicas inovadoras, como a Escola da Floresta, têm se destacado por promover o aprendizado em ambientes naturais, favorecendo o desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e social de crianças e jovens (BRUCHNER; REBOLLO, 2021). Originada na Dinamarca, em 1954, essa metodologia se expandiu por países como Alemanha, Espanha e Suíça, baseando-se em princípios como a aprendizagem experiencial, o protagonismo infantil e o vínculo afetivo com a natureza (PICOS MARTIN, 2019).

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar ferramentas e estratégias para desenvolver o Objetivo 4 dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 que se refere à Educação de Qualidade. Para tanto, os objetivos específicos são: (1) descrever os fundamentos da Escola da Floresta; e (2) sugerir adaptações do método para o contexto educacional brasileiro.

Com base em revisão bibliográfica qualitativa e exploratória, os resultados indicam que a adoção da Escola da Floresta no Brasil requer políticas de formação docente contínua, ampliação de espaços verdes escolares e práticas pedagógicas participativas que integrem natureza, cultura e sustentabilidade, em consonância com os princípios da Agenda 2030 (BRASIL, 1999; ONU, 2015).

¹ Licenciada em História e Pedagogia, M.a em Educação, rede municipal de Educação Básica de Ceará Mirim e Extremoz (RN, Brasil), vitoriarose.2012@gmail.com;

² Dra. Neurociência Cognitiva, Universidad Internacional de La Rioja (UNIR) / Universidad del País Vasco (UPV-EHU) (Espanha), joyse.vitorino@unir.net.

METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa, usamos como metodologia a revisão bibliográfica. Os principais instrumentos utilizados nesse processo foram os motores de busca Google Acadêmico, Dialnet e Scielo. As palavras-chave foram “Educação Infantil”, “Educação Ambiental”, “Escola da Floresta” “Espaços Verdes”, “Risco Controlado/Jogo de Risco”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Definindo a Escola da Floresta

A Escola da Floresta é um modelo educacional internacional voltado ao desenvolvimento integral e à consciência ambiental de crianças e jovens, buscando integrar aprendizado e sustentabilidade. O método, originalmente voltado à Educação Infantil (3 a 6 anos), também tem sido aplicado em outros níveis, inclusive no ensino superior, com foco na formação de pessoas capazes de lidar com desafios ambientais contemporâneos (BRUCHNER; REBOLLO, 2021; PICOS MARTIN, 2019).

Amplamente difundida em países como Dinamarca, Alemanha, Suíça, Espanha e Escandinávia, a proposta consiste em um ensino ao ar livre, realizado em contato direto com a natureza — florestas, campos, praias ou espaços urbanos verdes. A primeira escola modelo surgiu na Dinamarca em 1954, e a expansão posterior adaptou-se às legislações locais, predominando no setor privado (BRUCHNER; REBOLLO, 2021). Na Espanha, há cerca de 40 projetos denominados Bosquescuela, enfrentando desafios de homologação, o que tem levado a parcerias com instituições como a Fundación Félix Rodríguez de la Fuente e o Parque Nacional de la Sierra de Guadarrama (BRUCHNER; REBOLLO, 2021).

A Forest School Association (FSA) define seis princípios estruturantes do modelo: (1) continuidade das sessões; (2) imersão em ambientes naturais; (3) protagonismo do aluno; (4) desenvolvimento integral (resiliência, independência, criatividade); (5) estímulo ao risco controlado; e (6) atuação de profissionais qualificados. A aprendizagem é processual, centrada na autonomia e na exploração criativa de situações espontâneas, utilizando elementos naturais (pedras, folhas, trilhas) para desenvolver habilidades cognitivas, motoras e sociais, além de competências ligadas à alfabetização e à matemática (FSA, s.d.).

De caráter flexível e globalizado, a Escola da Floresta organiza rotinas que combinam atividades semanais, passeios urbanos e rurais, favorecendo a aprendizagem por meio da experiência direta e colaborativa (BRUCHNER; REBOLLO, 2021). O enfoque valoriza o dinamismo da natureza e o estudo de fenômenos como o solo, o clima, os ciclos de vida e a

interação entre seres vivos (MCCREE³, inf. verbal). Também promove grupos heterogêneos de idades, estimulando convivência, empatia e cooperação (MOLINA, 2021).

Outro aspecto essencial é o trabalho com as condições climáticas e a adaptação às estações do ano, integrando atividades de observação ambiental e reconhecimento de sinais meteorológicos (CASANOVA, 2019). O professor atua como mediador e gestor do risco controlado, permitindo que as crianças explorem o ambiente com segurança e autonomia — subindo em árvores, equilibrando-se em terrenos irregulares, cruzando riachos ou interagindo com pequenos animais (MORAGA-VILLABLANCA et al., 2024).

Assim, a Escola da Floresta propõe uma educação baseada na experiência, na curiosidade e no vínculo afetivo com a natureza, articulando o desenvolvimento cognitivo, físico e socioemocional a uma perspectiva ética e sustentável de mundo.

Sugestões de adaptações do método para o contexto educacional brasileiro

A adoção da metodologia da Escola da Floresta no Brasil exige adaptações que considerem a diversidade ambiental e sociocultural do país, bem como as limitações estruturais da educação nacional. Com ampla biodiversidade e variados biomas, o Brasil oferece condições ideais para a educação ao ar livre, desde que haja planejamento, formação docente e integração curricular adequados. Considerando os princípios da Escola de Floresta, se apresenta a continuação uma análise do contexto Brasileiro.

Sobre a formação inicial e continuada de educadores em EA

A formação de professores é um ponto crítico para a implementação dessa abordagem. Estudos apontam que os cursos de Pedagogia e Licenciaturas ainda oferecem poucas disciplinas voltadas à Educação Ambiental (EA) e ao ensino de ciências nos anos iniciais (HAMBURGER, 2001; POMMER; POMMER, 2024; PIERONI; ZANCUL, 2021). Pesquisas revelam lacunas na formação científica e metodológica dos docentes e escassez de estudos sobre o ensino de ciências para crianças pequenas (FERREIRA, 2016; SILVA, 2005).

Freitas et al. (2024) constataram que a maioria das universidades brasileiras oferece a EA como disciplina optativa, o que faz com que muitos egressos concluam o curso sem formação específica. Além disso, Campos e Freire (2021) identificaram que mais de 90% dos cursos de especialização em EA são ofertados por instituições privadas, o que limita o acesso equitativo à formação. Pesquisas latino-americanas indicam que as práticas de EA em creches e pré-escolas ainda são pontuais e pouco críticas, persistindo a ideia de que crianças pequenas não possuem maturidade para questões socioambientais (SERIBELLI; WIZIACK, 2024).

³ Mel McCree, Jornada Escuela Forestal y Educación Ecosocial, San Sebastián, Espanha, 28 de mayo de 2024.

Sobre o protagonismo infantil, continuidade e revisão dos conteúdos

Os princípios da Escola da Floresta alinham-se à Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9.795/1999), que defende abordagens holísticas, participativas e interdisciplinares (SAHEB; RODRIGUES, 2019). Contudo, práticas de EA na educação infantil ainda são frequentemente restritas a atividades comemorativas ou impressas, com pouca interação com ambientes naturais (SILVA; ARAÚJO, 2024).

Sobre o uso de ambientes naturais na Educação Infantil

Estudos da Sociedade Brasileira de Pediatria (2019) evidenciam os benefícios do contato com a natureza para o desenvolvimento cognitivo, motor e socioemocional das crianças. No entanto, pesquisas mostram que as escolas ainda dispõem de poucos espaços verdes e de infraestrutura inadequada. Em estudo com 97 escolas de Natal-RN, Elali (2003) identificou o predomínio de ambientes impermeabilizados e mal planejados, contrastando com o discurso ecológico institucional. Em um estudo semelhante, comparando instituições inauguradas em 1963 com outras abertas a partir de 2016, Oliveira et al. (2024) verificaram avanços em Curitiba, com aumento da vegetação nas escolas inauguradas mais recentemente, reflexo de políticas públicas mais sensíveis à infância e ao meio ambiente.

Sobre as oportunidades de risco controlado e práticas corporais de aventura

O conceito de risco controlado — central na Escola da Floresta — ainda é pouco explorado no Brasil. Cortat et al. (2018) explicam que a oferta de atividades com momentos de brincadeira e movimentação ampla e livre, ainda que recomendada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, não é garantida pelo modelo escolar tradicional. De maneira similar, muitos adultos, inclusive pais e professores, valorizam uma natureza “domesticada”, sem riscos ou imprevisibilidades (ELALI, 2003).

O conceito mais próximo na legislação brasileira é o de Práticas Corporais de Aventura, definido como atividades que envolvem desafios físicos, interação com a natureza e risco moderado (GONÇALVES, 2025). Apesar de promoverem bem-estar e reconexão com o ambiente, segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), essas práticas estão oficialmente previstas apenas na disciplina de Educação Física do Ensino Fundamental II, permanecendo distantes da Educação Infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrou que os fundamentos da Escola da Floresta visam favorecer o desenvolvimento integral das crianças, promovendo aprendizagens significativas, valores éticos e consciência socioambiental.

A análise realizada aponta que sua implementação no Brasil depende do fortalecimento da formação inicial e continuada de professores, da integração curricular e da criação de espaços educativos ao ar livre, que estimulem a exploração, a curiosidade e o vínculo afetivo com a natureza. Essas experiências práticas configuram oportunidades para ampliar a compreensão das inter-relações entre ser humano e ambiente, consolidando atitudes de cuidado e sustentabilidade desde a infância.

Sugere-se, por fim, a realização de novas pesquisas que investiguem a aplicabilidade da Escola da Floresta em diferentes contextos brasileiros, contribuindo para o avanço de uma educação ambiental crítica, participativa e transformadora, em consonância com os princípios da Agenda 2030.

Palavras-chave: Escolas da Floresta, Educação Ambiental, Pedagogias Ativas, Educação Básica, Sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 abril de 1999.** Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 abr. 1999. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm

BRUCHNER, P.; REBOLLO, A. A. Bosquescuela. Un modelo de escuela sostenible en la naturaleza. **Aula**, 27, pp. 209-233, 2021.

CAMPOS, L. B.; FREIRE, L. O contexto da Especialização em Educação Ambiental no Brasil. **Revista Bio-grafia. Escritos sobre la Biología y su enseñanza. Número Extraordinario. ISSN 2619-3531. Memorias V Congreso Latinoamericano de Investigación en Didáctica de las Ciencias**, 23 e 24 de setembro, 2021.

CASANOVA, A. Escolas da floresta: o modelo de educação infantil ao ar livre na Europa e Espanha. Sarmiento. **Revista Galego-Portuguesa de Historia da Educación**, 22, 51–67, 2019.

CORTAT, R. C.; SILVA, P. C.; RIBEIRO, A. V.; PEREIRA, J. E. Brincadeira e consciência ambiental: um relato de reconexão com a natureza na educação das crianças pequenas. In: **IX Encontro de Iniciativas Ambientais Internas e Externas à UNIRIO**, Rio de Janeiro, 11 e 12 de setembro, 2018.

OLIVEIRA, A. R.; DOS SANTOS, A. C. A.; ALVES, J. A. P.; DE LIMA, D. M. Infraestrutura Verde em Instituições de Educação Infantil. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, 19(7), 794-804, 2024.

ELALI, G. A. O ambiente da escola - o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola-natureza em educação infantil. **Estudos de Psicologia**, Natal, 8, 309-319, 2003.

FERREIRA, B. M. G. **Saberes Docentes para o Trabalho com Educação Científica na Educação Infantil: ampliando as aprendizagens das crianças** [Dissertação]. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, São Paulo, 2016.

FREITAS, C. S.; FARIA, R. R.; LIMA, T. N. O ensino de ciências nos anos iniciais do ensino fundamental e a formação docente. **Revista Cocar**, ISSN: 2237-0315, n. 23, 1–18, 2024.

FSA (Forest School Association). **What is Forest School?** (Data não disponível. Acesso em 20 de outubro de 2024, <https://forestschoollassociation.org/what-is-forest-school/>

GONÇALVES, D. L. **Análise de como os termos “aventura” e “natureza” são apresentados nas propostas curriculares de Florianópolis e São José** [Trabalho de Conclusão de Curso]. Universidade Federal de Santa Catarina, 2025.

HAMBURGER, E. W. Apontamentos sobre o ensino de ciências nas séries escolares iniciais. **Estudos Avançados**, v. 21, n. 60, p. 93–104, 2001.

PICOS MARTIN, J. Educación Forestal Superior: Educar para saber. Educar para hacer. **Revista Montes**. Número 135, I trimestre, 2019.

MORAGA-VILLABLANCA, F. A.; ULBRICHT, H.; TORRES-FIERRO, M. I.; ZAMORANO-VERAGUA, M. C. Benefícios de un programa Bosque Escuela en niños/as: Perspectiva de Madres y Padres en Concepción, Chile. **Wimb lu, Rev. Estud. de Psicología UCR**, 19(2), 1-23, 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável [Relatório]**. 2015.

MOLINA, A. P. O. La Escuela Bosque como modelo de escuela alternativa: antecedentes, características y repercusión. **R. de Educación Ambiental y Sostenibilidad** 3(1), 1303, 2021.

PIERONI, L. G.; ZANCUL, M. C. S. Educação científica por meio de uma perspectiva crítica e problematizadora na formação inicial de professores. **Ciências em Foco**, 14, 2021.

POMMER, W. M.; POMMER, C. P. C. R. (2024). Um Estudo de Caso envolvendo um projeto tematizado no Planeta Terra nas séries iniciais do Ensino Fundamental. **Revista Insignare Scientia-RIS**, 7(1), 198-219.

SAHEB, D.; RODRIGUES, D. G. Infância e experiências em Educação Ambiental: um estudo da prática docente na educação infantil. **Revista Lusófona de Educação**, 43, p. 59-74, 2019.

SERIBELLI, V. H.; de CASTRO WIZIACK, S. R. Educação ambiental na primeira infância: análise de pesquisas desenvolvidas no Brasil e em países da América Latina. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, 11(28), 186-200, 2024.

SILVA, K. C. D. **A formação no curso de Pedagogia para o ensino de Ciências nas séries iniciais** [Dissertação de mestrado], Programa de Pós-graduação em educação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, SP, 2005.

SILVA, O. F.; de ARAÚJO, A. F. Professora, qual a educação ambiental que se faz na educação infantil?. **Educação em Foco**, 27(52), 1-20, 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Benefícios da Natureza no Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes** / Grupo de Trabalho em Saúde e Natureza [Manual de Orientação]. – São Paulo: SBP, 2024. <https://genteinocentejf.com.br/wp-content/uploads/2024/08/Manual-de-Pediatria-Crianca-e-Natureza.pdf> Acesso em 6 de agosto de 2025.